

JOELMA ABADIA CUNHA TORRES

MAQUIAVEL E A CONDIÇÃO DE ESTADO

Rubiataba/2002

JOELMA ABADIA CUNHA TORRES



MAQUIAVEL E A CONDIÇÃO DE ESTADO

Monografia apresentada à FACER
como requisito para conclusão de
graduação em Filosofia, sob a
orientação do professor José João
Neves Barbosa Vicente.

5 - 30743

Tombo nº 7353

Classif.:

Ex.: 1

Origem: d

Data: 27.05.03

Rubiataba/2002

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	03
CAPÍTULO I	05
CONDIÇÃO DE ESTADO	05
Maquiavel Realista.....	05
CAPÍTULO II.....	15
O Príncipe e a Virtude.....	15
CAPÍTULO III	21
O Ideal Político de Maquiavel	21
CONCLUSÃO	26
BIBLIOGRAFIA	28

INTRODUÇÃO

Nicolau Maquiavel nasceu em 3 de maio de 1469 e faleceu em 21 de junho de 1527. Nasceu em meio a uma crise econômica política que se encontrava Florença.

Em 1498 foi chanceler, depois secretário das Relações Exteriores da República de Florença. Como funcionário permanente é mero executor de decisões, e administra os negócios e relações externas da república.

Exilado em 1512, na cidade de San Casciano, na Itália, passa a partir daí a meditar sobre assuntos políticos, aliando-se aos antigos autores, à longa experiência do mundo moderno, adquirida numa vida inteira dedicada aos negócios públicos florentinos. Destas busca na leitura, resultou muitas histórias, e que servem para deformar-lhe o conteúdo mais profundo e a relevância dentro da história das idéias. Conteúdo e relevância, que só podem ser apreendidos quando se conhece as circunstâncias em que as obras vieram à luz, dentro do quadro de vida pessoal do autor e das coordenadas econômicas, sociais e políticas da Europa no século XV e XVI.

Sempre expôs seus mais profundos pensamentos em frases simples e curtas. Seu defeito foi ter sido inteligente de mais, por ter compreendido bem a alma de seu tempo, dando prioridade a liberdade foi verdadeiro, sério e absolutamente claro, inventor e mestre da ciência política. Foi considerado fundador da "ciência política", ao trilhar por novos caminhos "ainda não trilhados", indo além da teoria política feita pelos gregos e romanos.

O que se propõe a seguir, foi elaborado através de leituras, análises interpretativas próprias e de comentadores diversos, lidos ao longo da elaboração deste trabalho monográfico, que tem como objetivo, sintetizar a “Política em Maquiavel”, dando ênfase maior à necessidade de se chegar à verdade das coisas, como elas realmente os são e não como deveriam sê-las. Trabalhando com o que se tem em mãos, o concreto e real.

Qual a necessidade da virtude de um príncipe, na conquista e manutenção da ordem em um Estado; a qual deve ser imanente a todas as ações de um príncipe.

Por último, será esclarecido o verdadeiro ideal político de Maquiavel, mostrando que o príncipe descrito foi uma necessidade de momento. Servindo de transição de um sistema político para outro.

CAPÍTULO I

CONDIÇÃO DE ESTADO

Maquiavel Realista

Maquiavel propõe estudar a sociedade pela análise da verdade efetiva dos fatos humanos...

O objetivo de suas reflexões é a realidade política, pensada em termos de prática humana concreta, e o centro maior de seu interesse é o fenômeno do poder formalizado na instituição do Estado. Não se trata de estudar o tipo ideal de Estado, mas compreender como as organizações políticas se fundam, e desenvolvem, persistem e decaem¹.

Maquiavel teve como preocupação maior em todas as suas obras o Estado, não o melhor Estado, mas o real e capaz de impor a ordem. Considerando que trabalhar com a possibilidade e não com a imaginação é a melhor forma para se governar. E o que existe na sociedade é desordem, e para controlá-la, deve-se fazer a ordem, lidando com o que se tem em mãos, trabalhando com o concreto, só assim conquistará a ordem desejada.

¹ Maquiavel, *O Príncipe*, p. XIII.

Vai tanta diferença entre o como se vive e o modo por que se deveria viver, que quem se preocupar com o que se deveria fazer em vez do que se faz, aprende antes a ruína própria, do que o modo de se preservar².

E as dificuldades já de início, fica claro que ao se conquistar um Estado, o qual tem diferenças de língua, costumes e leis, exigirá uma sorte e muita habilidade para a sua conservação. Ir estar presente, residindo é a melhor forma de conquista e conservação da ordem. Podendo remediar o mal no início, diminuindo a tarefa difícil que se irá enfrentar pela frente. No momento que a desordem estará nascendo, fica mais fácil podá-la; esta é a melhor forma possível de diminuição dos problemas os quais se irá enfrentar. Se não decidir assim, somente terá notícias quando não houver mais remédio. Então sua presença se torna necessária para a podagem da desordem que se irá enfrentar, tendo uma eficácia na resolução dos problemas iniciais.

Fazendo-se necessário também, não remediar apenas o presente, mas se precaver os caos futuros, estar preparado para os acontecimentos que podem virem à tona prevenir do que possa acontecer, facilitando a correção com mais tempo.

Conhecendo as coisas do Estado e seus males, com uma certa antecedência, terá resolução mais rápida das deficiências. Ao homem que deseja êxito na conquista, aconselha a confiar nas suas próprias forças e capacidades adquiridas, com suas experiências ou exemplos de outrem, do que na desordem dos outros. Confiando na sua capacidade própria de conduzir os problemas já existentes e possam vir à tona, e não na incompetência e incapacidade adversas dos outros.

Na introdução de coisas novas, se torna fácil às variedades dos homens, difícil é mantê-los firmes nessa nova forma, eles não acreditam nas verdades das coisas novas, assim faz, após uma longa e firme experiência.

Existe uma diferença grande entre: como se vive e o modo porque se deveria viver; preocupa como se deve fazer para resolver os problemas, em vez do que se faz. Fazer o que for necessário para a manutenção da ordem, agora, e

² Maquiavel, *O Príncipe*, p. 65.

não fica na contemplação da imaginação, agindo conforme se fizer necessário agora. “... *pareceu-me mais conveniente procurar a verdade pelo efeito das coisas, do que pelo que delas se possa imaginar*”³.

Se fizer necessário ser mau que o seja valer ou não. Não se fazendo valer de qualidades causadoras de reprovação ou louvor. Agindo como se deve agir, não para se engrandecer ou ser menosprezado. Não é da condição humana ter todas as qualidades que existe, nem a posse delas nem suas práticas consistentes. É preciso evitar os erros, sendo prudente, e que se tornando governante sejam atribuídos ações boas e ruim, praticando-os sempre que se fizer necessárias para assegurar o que lhe foi possível. Sempre estando preocupado não deixando as coisas seguirem um percurso natural.

Sempre estar precavido, pois as situações adversas sempre podem vir a acontecer; podendo evitar os danos maiores, trabalhando com as soluções existentes no presente, com eficácia e já, não ficando à mercê da imaginação. Toma medidas que leve ao êxito no momento certo. Preparar para a chegada dos problemas que estarão por vir, fazendo de maneira a serem louvados e exaltados.

*O desejo de conquista é coisa verdadeiramente natural e ordinária e os homens que podem fazê-lo serão sempre louvados e não censurados*⁴.

Para se chegar a um resultado desejado, deve ter em mente que uma transformação sempre será acompanhada da edificação e construção de outra. Isso é algo seqüencial e natural das coisas no tempo. O homem é esse construtor de transformações no tempo, as quais os fazerão horrorosos ou temidos, louvados ou criticados. Os defeitos na salvação de um governo lhe serão certamente atribuídos, mas se não lhe atribuírem defeitos, dificilmente se poderá salvar um governo da ruína. Alguns caminhos para conquistar e manter, parece ser virtuoso e podem o arruína-lo, enquanto alguns parecem vícios, podem trazer segurança e bem estar.

³ Maquiavel, *O Príncipe*, p. 63.

⁴ Maquiavel, *O Príncipe*, p.14.

Se em partes a ordem está sendo mantida, é necessário perturbar e desorganizar todo um Estado, para encontrar êxito em todas as partes. Então fazer agrupamentos de vários itens para conservar essa ordem é preciso: assegurar contra os inimigos, conquistar amigos, vencer pela força ou pela manipulação de enganar, onde seu povo possa respeitá-lo, amá-lo ou temê-lo, fazer novas leis, ser severo e grato, liberal, dissolver a infidelidade nas disciplinas existentes.

Torna difícil e complicado, àquele governante que governa apenas por fortuna e não tem trabalho para essa conquista, não consegue se manter. A sorte que se teve em chegar lá, ela retorna e mesma constância em dificuldades depois de chegada.

Tudo isso acontece também àqueles que conquistam um Estado por corrupção, dinheiro, coisas extremamente inconstantes e instáveis, de tudo isso é que os são dependentes. Não tem onde se apoiarem para manutenção do Estado, se firmaram em coisas inseguras e volúveis.

Os Estados que desenvolvem-se muito depressa, não são valorizados, pois o surgimento repentino das coisas não são bem alicerçados, não houve uma proporção de alicerces adequados às necessidades e capacidades do próprio Estado, vão fraquejar facilmente, desmanchando-se nos primeiros golpes, a não ser que esteja bem preparado para tal situação. O qual estará sustentado com bases firmes, estabelecidas anteriormente, ou fundadas e colocadas em prática por outros. Se assim fizer, com certeza ainda trará muitos aborrecimentos e mão de obras para o construtor.

Um grande governante, não deve se enganar pensando que, por ter ele criado novos benefícios, faz com que seu povo esqueça as injúrias cometidas, deve deixar isso de lado ou será o causador da sua própria ruína. Ele é causador de sua glória, mas pode também, ser o causador de sua própria destruição. Podendo adotar crueldades mal ou bem praticadas; aquelas feitas de uma só vez, podemos chamá-las de boas, sendo esta capaz de providenciar e assegurar a própria segurança. As mal usadas são aquelas que por menores ou poucos que as sejam, ao invés de extinguirem-nas de início, deixam-as crescer com o passar do tempo e se tornam perigo para toda a nação; sendo este o caminho errado

para a manutenção do poder. É preciso a extinção das injustiças de uma só vez, sem piedade, não dar muito gosto, ofende menos. Ao passo que os benefícios devem ser saboreados pouco a pouco. Porque tudo tem o momento certo, tanto o bem como o mal.

Preparar para que os benefícios venham no momento em que as necessidades forem expostas, não deixando viverem em tempos adversos às necessidades. E se não proceder desta forma, não será reconhecido e ninguém o agradecerá.

Por maior que seja a necessidade do momento, o benefício para eliminação é muito maior e terá êxito pleno, sendo gratos para sempre. Não é forçado a fazer isso, e sim, fazer o que deve ser feito para ter o reconhecimento de sua pátria.

O governante não pode ser abandonado pelo povo que se opõe às suas coisas, porque são muitos e com os grandes que são poucos é possível haver abandono. As maiorias são os que sofrem opressão, querem oprimir; sendo os objetivos do povo mais honestos. Não deve temer da inimizade dos poderosos, apenas se o abandonarem, ou que o ataquem, pois eles têm muita facilidade e são hábeis em enganar.

O povo sim, não deve ser deixado de lado, porque os grandes são manejados por eles, podendo fazê-los perder ou ganhar influência.

É o povo que dá prestígio necessário para continuar mantendo o poder em ordem adequadas às necessidades do Estado. *“...seria fraco o Estado que só pode ser governado pela vontade de um homem apenas”*⁵.

Se o governante não é odiado e mantém forte seu Estado, esse jamais será atacado, mesmo se fosse, os atacantes regressariam de cabeça baixo. Estar preparado, é ter criado bases firmes, estabelecido sólidos fundamentos, caminhar progressivamente para não arruinar-se. Estar preparado é fundamental na conquista da vitória, acrescenta Maquiavel: *“o príncipe só adia a própria ruína, na medida em que o dia o ataque”*⁶.

⁵ Maquiavel, *O Príncipe*, p.XVI.

⁶ Maquiavel, *O Príncipe*, p.49.

O ideal é trabalhar, resolver o que for necessário, não adiar, para não deixar o problema se alastrar com força maior. Resolver no início, com firmeza e segurança. Atacar na hora certa e não ficar adiando o que pode se fazer agora. Sim possuir armas próprias, nenhum Estado está seguro, está à mercê da sorte, não existindo aqui virtude que o irá defender nas adversidades e contrariedades. Armas estas compostas pelos súditos, cidadãos ou servos teus. Todas as outras são mercenárias e auxiliares, sendo elas inferiores à próprias.

Confiar na própria capacidade de comandar as armas que são próprias de seu poder, ter sabedoria para analisar com os devidos regulamentos. São arruinados aqueles que se preocupam mais com os luxos da vida, do que com as armas.

“Nada é tão instável quanto a forma de poderio de um príncipe quando não apoiada na própria força”⁷.

A arte da guerra não deve ser deixada e sim, praticada mesmo que esteja em paz seu Estado, e com maior freqüência na guerra; existe duas formas para conseguir isto: pela ação ou pelo pensamento. A ação não deve cessar em nenhum momento, constante deve ser sua atividade, trabalhar cuidadosamente, empregando suas melhores habilidades. Conhecendo melhor seu país e seus meios de defesa, agindo com o pensamento, analisando e observando seu Estado e suas possibilidades.

Quanto ao exercício do pensamento, ele deve ficar a par das histórias dos países, considerar elevada aquelas nações dos grandes homens, observando como eles conduziram nas guerras, examinando as razões de suas vitórias e derrotas conquistadas, para assim fugir destas e imitar aquelas.

O que move sem dúvida as superações às dificuldades e à oposições existentes, as quais o torna engrandecido, conquistando oportunidades, as quais são dadas pelos próprios inimigos, são eles próprios que lhe entendem esta oportunidade. É preciso existir os inimigos para se fazer exposições de conquistas e superações, colocando-o grandioso perante sua nação e seu povo.

⁷ Maquiavel, *O Príncipe*, p.58.

Para governar não deve levar em considerações todas as obrigações dos homens bons; conforme foi necessário para manter a ordem, o governante precisa ter espírito corajoso, agir contra a caridade, a fé, a humanidade, a religião, ter ânimo, disposição. Saber a hora de ser mal, se tornar necessário tomar partido, se posicionar corretamente, se a isso for obrigado.

Não o deve deixar escapar aos outros, expressões que possam aparentar sê-lo piedoso, íntegro, humano e de fé. Pois a tendência do homem é julgar mais pelos olhos que pelas mãos, os que vêem são muitos e os que sentem são poucos.

Vencer e conservar a ordem no Estado é papel de quem governa; os meios usados, serão julgados honrosos e louvados. O povo julga pelas aparências e pelos fatos consumados. Aparência e prática de trabalho, faz parte da conservação de um Estado honrado, dirigido por um governante soberano. Manter a aparência necessária e fazer que os acontecimentos sejam realmente executados na prática. Procurando em suas ações ser reconhecido como corajoso, cheio de fortaleza, grandeza.

Tendo o povo como amigo, não o deve temer, mas se a tê-lo como inimigo e o odeia, deve temer a todos e a tudo. Não ficando acomodado, estando sempre receoso quando não forres odioso e desprezados, estar precavido com o que possa vir a acontecer e não confiar na sorte e tranquilidade do momento.

Fazer com que suas decisões e ações sejam irrevogáveis, não voltando atrás, não deixando que os outros o engane e o faça mudar de idéia, assim será reputado e reverenciado pelo seu povo.

É preciso na sua realização, trabalhar muito para que cada ação realizada, se conquiste a fama de grande homem, sabendo ser verdadeiro amigo e verdadeiro inimigo, ser estimado, tomar decisão a favor de alguém ou contra outrem.

Evitando ficar à mercê de outrem, este tipo de situação deve ser evitado, tendo o cuidado de não fazer alianças com os mais poderosos, o tornando prisioneiro aliado.

... aquele que não é teu amigo pedir-te-á que sejas neutro e aquele que é teu amigo pedirá que tomes as armas abertamente. E os príncipes irresolutos, para se afastarem destes perigos, segurem, a mais das vezes, aquela linha neutra, e quase sempre são mal sucedidos. Mas quando corajosamente tomas partido franco por um dos contendores, se aquele com quem te ligaste vencer, ainda que seja poderoso e que fiques à sua mercê, terá ele obrigações para contigo e é compelido a ter amizade por ti; e os homens não são nunca tão maus que queiram oprimir a quem devem ser gratos⁸.

É mais sábio conhecer a natureza dos inconvenientes e adotar os menos prejudiciais, como sendo bom, e isso faz parte do governo prudente.

Valorizar aqueles que revelem em uma arte qualquer, animando seus cidadãos a exercer livremente suas atividades, tanto no comércio, na agricultura, em alguma atividade qualquer que o saiba. Sempre os encorajando, podendo enfrentar assim as dificuldades encontradas e com bastante firmeza tendo com isso o êxito de seus governantes em apóia-los. Estando sempre presente em todos os setores da sociedade a qual governa, dando oportunidade aos cidadãos que a pertence.

Estar integrado ao seu povo, proporcionando festas e espetáculos, sendo generoso e cortês, não faltando a majestade de sua dignidade.

Os príncipes devem encarregar a outrem da imposição de penas; os atos de graça, pelo contrário, só a eles mesmos, em pessoa devem estar afetos⁹.

O trabalho maior é para se conquistar, e não para manter-se. Amizade tanto se conquista novas, como também pode deixar de tê-las; e com uma equipe própria, pode edificar as obras que deseja, organizando-se uma nova vida.

Convencer o povo de certas coisas é fácil, difícil é mantê-los firmes nesta crença. A natureza do homem é de uma diversidade tremenda e variada.

⁸ Maquiavel, *O Príncipe*, p.94.

⁹ Maquiavel, *O Príncipe*, p.79.

“... a natureza dos povos é vária, sendo fácil persuadí-los de uma coisa, mas sendo difícil firma-los na persuasão”¹⁰.

Quando não conseguir firmá-los na persuasão, providenciar para convencê-los a crer à força, se assim for necessário para manter a ordem no Estado; usando o que se tem em mãos. Precisa para isso ter coragem, ter crédito para essa superação dentre várias as dificuldades encontradas; e se assim o fizer será feliz, venerado, tornando-se potente, forte e seguro.

Se seu governo foi conquistado mediante o favor do povo, deve se manter seu amigo, mas se foi pela contrariedade da vontade popular, deve antes de qualquer medida, conquista-los. Essa conquista é valorosa, de muita honra: como o governo não teve o apoio do povo, esse povo espera apenas o mal e ele ao contrário, faz grandes benefícios para eles, tomando-os mais seus amigos, que aqueles que o levaram ao poder por favor. Eles jamais o enganará. Reconhecerão a grandeza de seus alicerces elaborados, nada o abateu e foi corajoso ao enfrentar essa dificuldade adversa do tempo.

A construção de fortaleza na manutenção do Estado são úteis conforme a necessidade ou não, segundo as circunstâncias; se seu governante tem medo de seu povo, deve ele as fortifica-las; mais se temer mais aos estranhos não deve ter preocupações. Porque a maior fortaleza é ter seu povo companheiro, amigo e fiel.

Aquele que perder seu poder no Estado, não deve acusar a sorte mas, sim a própria preguiça, foi despreparado, acomodou-se com a tranqüilidade.

“E somente são bons, certos e duradouros os meios de defesa que dependem de ti mesmo e do teu valor”¹¹.

Nunca deve confiar que ao caíres, encontrará alguém que o ajudará a levantar, se confiar será arruinado, pois esse meio é muito fraco de defesa.

Assim ele nos mostra que existe três tipos de cabeças: aquela que entende as coisas por si mesma; aquela que sabe separar o que os entendem e a que não entende nem por si nem sabe avaliar o trabalho dos outros. A última é inútil, a

¹⁰ Maquiavel, *O Príncipe*, p.125.

¹¹ Maquiavel, *O Príncipe*, p.102.

segunda é boa e a primeira é excelente, pois você próprio é o responsável pela perda e conquista da ordem.

Maquiavel sempre procurou em seus estudos, mostrar como os homens agem de fato, a verdade efetiva das coisas como elas os são. E após muitas observações em seu tempo, comprova que os homens sempre agiram pelas vias da corrupção e da violência. Analisou a ação política sem preocupar-se em ocultar o que se faz e o que não se deve fazer. Desligando a política da ética e da religião, tomando-a autônoma, examinando sua especificidade própria.

Fundou a partir daí, uma nova moral que é a do cidadão, do homem que constrói seu próprio Estado, moral a qual é inseparável dele, a que está sempre imanente no relacionamento entre os homens, não a individual da alma, aquela de julgamento divino.

Não tem que se preocupar com a moral nem com a religião; não que ele negasse esses elementos, mas considerou que as forças da sociedade podem ser encontradas por si próprios, a seu próprio equilíbrio, infundida dentro da estrutura própria existente no Estado. Mas não considerou o Estado dotado de força superior à do indivíduo, não considerou-o como fim absoluto.

Portanto, essa ação política se mostra eficaz mesmo quando é exercida em sentido contrário às leis da moral ou das imorais. Pois a ordem é colocada pelo governante e não é algo divino. E o papel fundamental do governante é governar, valorizando a todo instante, a realidade nua e crua das coisas.

CAPÍTULO II

O Príncipe e a Virtude

Maquiavel rompe com a moral cristã medieval, dando um novo sentido, uma nova definição à virtude; nos mostra a diferença entre a moral dos indivíduos e a moral do Estado (ou da igreja, ou dos partidos políticos, etc.) Ele, por não ter religião, não pode assim explicar essa decadência pelo pecado original, sobretudo porque a Idade Média cristã não lhe parece ter sido moralmente melhor, nem impecável.

Nesse período de grande crise de transição do seu próprio tempo, já não confiava na providencia divina, nem na utilidade de se seguir o caminho da virtude. Substituindo a providencia pela fortuna, os acontecimentos, o destino ou as circunstancias exteriores. Usa então a palavra virtude no sentido de eficiência, capacidade, eficácia, deixando aquela virtude adotada pelos cristãos; não tendo consideração dos meios empregados para conseguir os fins almejados e visados.

Com essa ruptura, ele se torna o primeiro teórico moderno da política: o primeiro técnico da política. Adotando a virtude da antiga acepção dos gregos, habilidades entendidas naturalmente, aquela concebida antes da espiritualização que Sócrates, Platão e Aristóteles nela realizaram, transformando-a em "razão".

Para descrever a ação de um príncipe, usou as expressões Virtú e fortuna. Virtude é no sentido grego força, valor, qualidade de lutador e guerreiro civil. Esses homens virtuosos são capazes de realizar grandes obras e provoca mudanças radicais na história.

O príncipe virtuoso se trata aqui, daquele que tem esperteza para perceber o jogo de força, que caracteriza a política, para agir com vigor e energia, que terá resultado final o qual almejou; “a ordem”.

L. Firpo descreveu muito bem: *“Virtude é vigor e saúde, astúcia e energia, capacidade de prever, planejar e constranger”*¹².

Deixando de se valer das normas preestabelecidas da moral cristã. Em parte, esse moderno Príncipe descrito por Maquiavel, foi dedicada à questão de uma reforma intelectual e moral, à questão religiosa ou de uma concepção de mundo.

Ele nos mostra que para alcançar as virtudes dos grandes homens, deve um príncipe percorrer estes caminhos já trilhados por eles e imita-los; e, se não conseguir alcançar totalmente essa virtude, sempre se terá proveito dessa imitação. Será necessário fazer um plano superior ao do objetivo visado, planejar além do que é desejado, para obter a conquista esperada.

*Segundo Maquiavel, quem observa com diligência os fatos do passado pode prever o futuro em qualquer república e usar os remédios aplicados desde a Antiguidade ou, na ausência deles, imaginar novos, de acordo com a semelhança de circunstâncias entre o passado e o presente*¹³.

O homem virtuoso traz consigo conhecimentos que lhe darão oportunidades de transformação em sua pátria, a qual a tornará honrada e feliz. Mesmo com dificuldades, se ele tiver essa virtude, ele consegue manter e controla facilmente a ordem. Essas dificuldades surgem a partir do momento que se introduz uma nova ordem legal, que se faz necessária para a fundação de um Estado e de sua própria segurança. Nesse controle da ordem as dificuldades jamais se cessaram, assim é necessário que sejam trabalhadas com sabedoria.

A criação de novas leis é sem dúvida perigoso; e terá por certo inimigos, aqueles que estavam sendo beneficiados pelas leis antigas e os seus defensores aquele que serão beneficiados com as novas leis. E o homem incrédulo não

¹² Geovani Reale, *História da Filosofia: Antiguidade e Idade Média*, p. 130.

¹³ Maquiavel, *O Príncipe*, p. XIV

acredita na verdade das coisas novas, a não ser, após uma longa e firme experiência. Pois um Estado de início, é cheio de perigos, por isso o príncipe será aquele que menos pode fugir à fama de cruel, até que a ordem chegue.

Para a conquista da ordem, é preciso manter o equilíbrio, a prudência, fazendo com que haja confiança e desconfiança, de forma moderada. Confiar em ser temido, é mais seguro que ser amado, pois se a ordem está sendo mantida, e as necessidades estão longe deles serão companheiros fieis. Mas se elas voltarem a se aproximar, eles se voltam para o outro lado contrário, levando seu governo à ruína, devido ao príncipe não ter precavido. Porque, geralmente os homens são ingratos, covardes, ambiciosos por dinheiro, e simuladores. Afirma isso quando fala que o homem em si mesmo, não é bom nem mau, mas de fato, tende a ser mau. Assim, o político não deve confiar no aspecto positivo do homem.

Colocar em meio aos homens o receio e o temor, infunde um sentimento que não é abandonado nunca.

A perda de bens e da honra, deixam os homens muito insatisfeitos; a morte é mais fácil de ser esquecida do que a perda destes patrimônios. Por isso, o príncipe não deve manter a seu poder, os bens e as mulheres de seus súditos e dos cidadãos, mesmo que para isso seja necessário matar.

Existe duas formas básicas para esse combate: uma é pelas leis e outra pela força; as lei próprias do homem e a força dos animais. Agir como homem e como animal, quer como leão para amedrontar os lobos, quer como raposa para conhecer os lobos.

É conveniente saber empregar o animal e o homem, se empregar uma sem a outra, se origina na instabilidade. Usar as duas formas da maneira que se fizer necessária, na conquista e manutenção da ordem, na defesa e honra da pátria. Fala-nos da importância da "virtu": *"E aqueles defesas são boas, são certas são duráveis, quando dependem de ti e de tua virtu"*¹⁴.

¹⁴ Maquiavel, apud BIGNOTTO, *Maquiavel Republicano*, p.141.

Aquele homem virtuoso é ilimitavelmente corajoso, forte, capaz de conquistar algo e sustentar; mantém a ordem a qualquer preço, é sábio para discernir as coisas; só assim ele atrai a fortuna.

Por isso, um príncipe não deve deixar escapar a fortuna, que significa a ocasião. Nada se faz valer e nem adiante a um príncipe virtuoso, se não souber ser precavido ou ousado, aguardando a ocasião propícia, aproveitando o acaso ou a sorte das circunstâncias, como observador atento a todo o curso da história. Assim fica claro que a virtude e a fortuna, devem sempre existir juntas, e uma não deve existir sem a outra. Somente a virtude não basta, pois dela advém estas espertezas e sabedorias para aproveitar qualquer ocasião que se faça necessária para à conquista da ordem.

Ao encontrar a fortuna, ele se torna capaz de dirigir e cuidar de seu Estado.

A fortuna controla metade das ações de um homem, e seu poder é manifestado onde não existe resistência organizada, cabendo ao homem que governa, contê-la e dirigí-la, completa:

“... quando um príncipe se apóia totalmente na fortuna, arruína-se segundo as variações daquela. Também julgo feliz aquele que combina o seu modo de proceder com as particularidades dos tempos, e infeliz o que faz discordar dos tempos a sua maneira de proceder”¹⁵.

Proceder de maneira a não aceitar o que é imposto pelo tempo, não conformar com os tempos que advirem, proceder com as particularidades do tempo, assim o deve proceder, sempre alterando seu modo de agir.

A mudança de natureza, conforme tempo e as coisas, não muda a sua sorte. Sendo feliz, aqueles que esse modo de agir e as particularidades dos tempos concordarem. Se conduzir com cautela e paciência e os tempos e as coisas lhe são favoráveis, ele prospera seu governo.

A importância de se manter virtuoso é a chave por excelência do sucesso do príncipe, para a manutenção da conquista. Ao atrair a fortuna, a honra

¹⁵ Maquiavel, *O príncipe*, p.104.

conquista. Ao atrair a fortuna, a honra e a glória para si e a segurança para seus governados, isso é valor de virtuosidade.

Aquele que é virtuoso é persistente em seus propósitos, resiste aos obstáculos, empenha e sofre para alcançar os objetivos desejados, as metas almejadas no decorrer de suas conquistas. Mas, ele por acreditar que o homem comum seja de baixo preço, vil, é indigno de confiança, insensato, não tem perseverança nos propósitos.

Maquiavel distingue entre o bom governante e o tirano; o bom é aquele forçado pela necessidade a usar da violência, visando é claro o bem da coletividade. Agora o tirano, age por capricho ou por interesse próprio. Isso não deve fazer parte do homem de virtude. Pois aquele que tem em mãos os negócios do Estado, não deve jamais pensar em si próprio, às coisas fora da esfera do Estado.

Tira dessa situação, uma reflexão de seu pensamento, sobre a situação do homem em ação: se ele colocar em prática de forma inflexível o código moral que conduz a sua vida pessoal, à vida política, sem dúvida colherás fracassos sucessivos, tornando-o um político incompetente.

O modo de agir na vida particular de um governante deve ser diferente do modo de agir quando se conduz à vida política, esta deve ser flexível conforme as circunstancia; esse código moral que o conduz na vida pessoal é considerado inútil na vida política.

Se não analisarmos bem esta afirmação feita por Maquiavel, poderíamos dizer, que estaria ele defendendo o político imoral, os corruptos e os tiranos. Portanto, não é isso que ele quer retratar, e sim, que a avaliação da moral não deve ser feita antes da ação política, mas a partir de uma situação específica que é avaliada em razão do resultado dela, levando em consideração que toda ação política, visa a sobrevivência do grupo e não apenas do indivíduo isoladamente. Então, não deve ser feita a avaliação da moral, segundo as normas gerais e abstratas. Mostrando que é necessário reavaliar critérios da ética política, conforme as circunstâncias e sempre tendo em vista os fins coletivos.

Tinha uma grande admiração e simpatia pela honestidade e lealdade, na vida civil e política, pois esses Estados regidos com essas virtudes colhiam grandes vitórias.

O verdadeiro príncipe deve rejeitar os detalhes da moralidade convencional que prega a sociedade. E deve guiar-se pela necessidade de aprender os meios de não ser bom, e fazer uso ou não deles, conforme as necessidades, agindo conforme as circunstâncias.

“Mostra em suas buscas e estudos ao longo do tempo, que a política não leva ao céu, colocar a ordem na sociedade, também não leva; mas a ausência delas é o pior dos infernos. E que o político não é para ser bom, e é sim, para manter a ordem”¹⁶.

¹⁶ Aulas de Filosofia Política, ministrada pelo professor José João Neves B. Vicente, no 2º semestre de 2002.

CAPÍTULO III

O Ideal Político de Maquiavel

... onde persista ou possa persistir uma relativa igualdade entre os cidadãos, o fundador de Estados deve estabelecer uma república¹⁷.

Maquiavel descreve o príncipe, para suprir uma necessidade do momento histórico, não que o seja seu verdadeiro ideal. É sim, o da República romana, a qual se baseava na liberdade e nos bons hábitos praticados.

Mostrando que o papel do político é fundamental na construção de uma ordem política livre que conduz um país. Ele é o encarregado dessa mudança.

Tinha sede de conquista, e a início de leitura, notamos que sua intenção é construir uma nova forma política. O qual não impõe limites para impor sua lei tornando um destruidor da tradição, mas seu intuito é tratar de uma República livre. Acreditando que a sua maior resistência está na eficácia das ações políticas internas de um povo, não se deixando levar pelas aparências exterior dessa conquista, não interessa a imagem fora do seu objetivo.

¹⁷ Maquiavel, *O Príncipe*, p. XVI.

*... a energia criadora de uma sociedade livre não é dádiva dos heróis fundadores ou dos políticos de virtú. Ela advém do sistema de oposição entre os grandes e o povo, e assim, os conflitos sociais são necessários porque são próprios à natureza mesma da liberdade*¹⁸.

Abrange um aspecto de estudo mais universal das condições de criação e destruição de todas as formas políticas. Esse desejo de conquista nos leva a esse entendimento universal, associando sempre a um saber prático. Mas acredita que toda ação de um político, se depara com a indeterminação do mundo humano.

“... toda ação confronta o ator político com a indeterminação do mundo humano...”¹⁹.

Nossas ações são capazes de criar novas realidades, elas não são determinadas, e sim nos revela surpresas constantemente, algumas esperadas e outras são meras traições.

Aquele que não se adapta às exigências de seu tempo, que está em constante mudança, não seria abandonado pela fortuna. Seu movimento fluxo conforme as coisas advirem, torna-se necessário à mudança de natureza, para não se deixar cair na ruína, modificando com isso a fortuna. Assim deve agir o homem cauteloso, cedendo facilmente à flexibilidade do mundo e de seu tempo.

Em toda as declarações feitas por Maquiavel, nota-se a preocupação que ele teve em mostrar de forma sucinta, a ação política de um homem, o que ela pode provocar, e toda sua transformação em um determinado tempo. Essa ação fica clara para nós, que é um gesto de criação contínua do social. Mesmo que seja necessário conservar certas tradições, para os homens que são obrigados a inventar seu próprio caminho, conforme cada momento. Mesmo que não conheça as etapas, as quais irá se deparar nesse caminho, tudo é válido.

*“Não se trata de estudar o tipo ideal de Estado, mas compreender como as organizações políticas se fundam, se desenvolvem, persistem e decaem”*²⁰.

¹⁸ Maquiavel, *O príncipe*, p. XVII.

¹⁹ Maquiavel, apud BIGNOTTO, *Maquiavel Republicano*, p. 132.

²⁰ Maquiavel, *O Príncipe*, p. XIII

É necessário então ter conhecimento de que toda decisão política irá enfrentar a indeterminação do mundo histórico, se defrontando com a obscuridade do próprio caminho o qual se está percorrendo ou irá percorrer. Isso é realmente o sentido de toda ação política criadora.

A forma de agir na preparação de uma guerra é a mesma que é preparada para organizar a vida política interna. As tomadas de decisões são as mesmas. Tanto exige trabalho antes, como no momento e também preparo para o futuro.

Maquiavel mostra para nós que toda fundação é fruto da conquista de um legislador, não o povo pode ser fundador de um novo regime. Toda fundação política numa sociedade traz junto de si, uma exigente política de conservação. Assim ela deve estar sempre sujeita a renovar-se, em toda a história de um povo. Ela é a ação máxima de criação do social, por isso não deve ficar estagnada.

Tanto a República quanto as formas políticas, existem pelas ações de fundação e criação de seus habitantes.

Uma república para ele não era um conjunto de suas instituições, mas sim, consequência criada pela virtude de um povo, exercida e praticada no espaço público.

“O herói fundador de Estados e o político de virtu, por si sós, não instituem o melhor regime e a melhor sociedade... homem em liberdade identificar-se com os negócios de seu Estado e o defendem como coisa sua”²¹.

O povo participativo na tomada de decisões políticas do país, está sempre se lançando nos interesses desse país, enfrentando todos os obstáculos com vontade e garra.

Sempre valorizou a participação do povo nas decisões políticas, na defesa da cidade, sempre afirmando a importância dos grandes homens e da ação individual de cada um deles.

Nas ações de cada povo, é mostrada sua identidade, ações as quais, permitem a conservação de suas leis contra seu inimigo demolidor, o tempo. Ele

²¹ Maquiavel, *O Príncipe*, p. XVII

tendo a virtude leva-o a ultrapassar os horizontes de seu tempo presente. Superando tudo que o tempo os impuserem na vida presente. Mas, nenhuma transformação influencia na virtude que conduz os negócios públicos, ela não é modificada na sua essência. Continua com os mesmos propósitos e as mesmas finalidades básicas e de sustentação.

Para ele os homens não são capazes de repetir as mesmas ações do passado. Podemos recorrer ao passado histórico como fonte de inspiração para dar seqüência a um trabalho, uma ação, mas não se pode esperar uma imitação firme à regra da ação política. Mas, não deixava de fazer referenciais aos grandes homens da republicana romana.

Na fundação a estratégia que ela usa, é algo próprio não do político, mas da vida humana em geral. Relaciona nesse momento todos os aspectos como: política, religião, seitas e todas as formas de organização social.

Para dar seqüência a essa fundação continua exige o máximo da virtude, não da sorte que pode ser oportuna.

Ele mostra através de “o Príncipe” como deve o povo fundar um novo Estado, o qual se tornou povo nessa batalha.

Sempre desejou um Estado completo e independente. Mesmo o Estado tendo uma organização, uma união, não quer dizer que ele não tenha crises periódicas e decadências internas, mas acreditava que a organização nacional era capaz de tornar um Estado vital.

Seu país estava destruído pela corrupção; ela teria o prazer de gozar da liberdade, a qual era algo que dependia das condições especiais, uns queriam tê-la para assim usufruir do poder e outros para se protegerem. Muitos não tinham mais esse desejo, pois estava ela, totalmente fora de suas esferas de possibilidades.

Mostrou que as possibilidades de um povo corrompido é bastante forte para fundar uma verdadeira República. Mas o povo por si só não consegue ultrapassar a corrupção para alcançar a liberdade. É necessário a tentativa dos grandes homens nesta conquista.

Portanto, fazia-se necessária descobrir a melhor forma de governo, capaz de dar expressão ao sonho de liberdade da cidade, isso tornou um desejo de todos os cidadãos florentino.

Maquiavel foi audacioso e contraditório à tradição de sua época: *"Deliberei entrar por uma via, a qual não foi por ninguém percorrida..."*²².

Da ausência da liberdade, Maquiavel tentou implantar a possibilidade de renovação nos florentino. Mostrando a cada declaração, que a ação humana tem importância fundamental, na construção de um novo caminho, no destino da cidade.

Declara também que o desejo do novo é algo natural e característico do ser humano.

Em todas as suas explicações ficou claro que, para haver a transição de uma situação para outra, só se faz quando existe a ordem, a paz, a liberdade de um povo.

A República é a que leva o povo a crer que a liberdade é mostrada na ordem existente no país.

²² Maquiavel apud BIGNOTTO, *Maquiavel Republicano*, p.77.

CONCLUSÃO

O pensamento político de Maquiavel teve influencia de seu tempo e que se prevalece até nossos dias atuais. Algo de muito interessante que me conduziu para chegar, ao encerramento do curso de Filosofia foi uma boa leitura do “criador da ciência política”. Sem ela jamais teria concluído com presteza e segurança este trabalho monográfico e não teria aberto essa oportunidade de expor meu entendimento.

Maquiavel foi um grande revolucionário de sua época, pois foi original na suas formulações teóricas. De toda prática vivida não só por ele, na por seus antepassados, decidiu coloca-las em teorias, por acreditar na transformação de seu povo e de eu Estado florentino Retirou o que prevalecia no momento para substituir pela arte de bem governar. Embora a realidade determinasse os limites da ação, a personalidades decididas, empreendedora e de coragem podiam interferirem nossa história. E todos os conflitos originados no interior de uma nação, deve ser controlados e regulados pelo próprio Estado potente e eu povo.

Colocou a realidade das coisas, como criação de grandes obras humana, a qual pode usar todos os recursos concretos para definir a natureza humana.

O homem é capaz de transformações extraordinárias na história de uma nação. E tendo a virtude necessária para a conquista e ordem deste Estado, pode se tornar livre todos os seus ideai. Pois essa virtude imanente a todo homem, principalmente em suas atitudes do real e concreto, o faz possuidor de formidáveis conquistas na realidade efetiva e deixa aqui de existir a imaginação do que posa vir a acontecer ou como deveria ser. Fazer a ação acontecer agora

de forma útil, observando o que se pode e é necessário ser feito, não a contemplação do que seria certo fazer.

Elaborou uma teoria realista não de um Estado moderno, mas como se constrói um Estado absoluto, firme e livre. O qual é constantemente colocado a ordem para seu povo, as quais tem participações decisivas na tomada de decisões política do país.

Mostrou através de suas observações que as transformações em um governo de ordem, era necessário sua reconstrução desde a base. O início é fundamental, o alicerce renovação e não fazer reformas e mais reformas, criando uma nova força política, aquela fundada na história e na observação; capacidades que é da própria alma humana. E os interesses e paixões pode mudar o aspecto, mas não a lei da história, embora algumas nações progridem e outras declinem, a construção de cada uma à sua época subsistir sempre.

Foi o homem de seu tempo corajoso, firme, claro e extraordinário nas suas sugestões, aquele que rompeu uma tradição pregada a anos, e deu um novo sentido a política.

Embora não pode ver seus ideais realizados foi um marco na história dos seres humanos do século XV até os dias atuais.

Esses políticos maquiavélico obra e criação de uma leitura apressada da obra, tem atravessado o século; até mesmo as atividades corriqueiras de qualquer pessoas esses mito esta servindo de representação.

Portanto, o maquiavelismo que é chamado na linguagem comum, são apenas controvérsias e atropelamentos do pensamento de um grande pensador. Aqueles que assim consideram não conhece se quer um trecho dos livros escritos por eles; e analisar o desejo profundo e real seria impossível a esses leitores deturpadores.

BIBLIOGRAFIA

ABBGNANO, Nicola. *Dicionário de Filosofia*. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

ALI, Mohammed. *Biblioteca do pensamento vivo Maomé e Maquiavel*. São Paulo: Martins, 1967.

BIGNOTTO, Newton. *Maquiavel Republicano*. São Paulo: Loyola, 1991. (Coleção filosofia; vol.19)

GRANSCI, Antônio. *Maquiavel a política e o estado moderno*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.

GRUPPI, Luciano. *Tudo começou com Maquiavel*. 14ª ed. Porto Alegre: L&PM, 1996.

MAAR, Wolfgang Leo. *O que é Política*. São Paulo: Abril Cultural / Brasiliense, 1985. (Coleção Primeiros Passos nº 17).

NICOLAU, Maquiavel. *O Príncipe*. Escritor políticos. 5ª ed. São Paulo: Nova Cultural, 1991. (Coleção a Pensadores, vol.4)

REALE, Giovanni. *História da Filosofia*. Antigüidade e Idade Média. 6ª ed. São Paulo: Paulus, 1990 (Vol. II).